

Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura

Gender, sexuality and aging: a systematic review of the literature

Juliana Fernandes (UNIFOR)¹

Karoline Barroso (UNIFOR)²

Amanda Assis (UNIFOR)³

Fernando Pocahy (UERJ)⁴

Resumo: O objetivo desse artigo é realizar uma revisão sistemática da literatura acerca das temáticas de gênero, sexualidade e envelhecimento. A revisão considerou os artigos publicados na base de dados Scielo no período de 2001-2013, através da combinação dos descritores: gênero; sexualidade; gay; lésbica; travestis; transexualidade; *and* envelhecimento; velhice; e publicados nos idiomas Português, Espanhol e Inglês. Após a utilização de critérios de inclusão e exclusão, foram capturados 39 artigos que compuseram o corpus de análise dessa revisão. Os resultados indicam que 66,6% (n = 26) dos trabalhos foram produzidos no período de 2010 a 2013, corroborando o aumento nas produções sobre as temáticas de gênero e envelhecimento. Além disso, verificou-se que os artigos analisados possuem diferentes abordagens e pressupostos teórico-metodológicos. Os resultados revelaram a necessidade de formulação de novas estratégias de políticas públicas direcionadas para sujeitos vivendo a experiência da sexualidade no envelhecimento.

Palavras-chave: envelhecimento; sexualidade; homossexualidade; gay; revisão sistemática.

Abstract: The purpose of this article is conducting a systematic review of literature on the topics of gender, sexuality and aging. The review considered articles published in the Scielo database in 2001-2013 period, through the combination of descriptors: genre; sexuality; gay; lesbian; shemale; transsexuality; *and* aging; old age; and published in Portuguese, Spanish and English languages. After using inclusion and exclusion criteria, 39 articles which composed the corpus of analysis of this review were captured. The results indicate that 66.6% (n = 26) of the work were produced from 2010 to 2013, corroborating an increase in productions on the themes of gender and aging. In addition, it was found that the articles analyzed have different methodological approaches and theoretical assumptions. The results revealed the need for the formulation of new strategies of public policies oriented to subjects living the experience of sexuality in aging.

¹ Psicóloga, Pedagoga, Doutoranda em Psicologia na Universidade de Fortaleza – UNIFOR / Bolsista Capes. Coordenadora do Núcleo de Psicologia, Gênero e Política – NUPEX. E-mail: julianaf.jf@gmail.com

² Fisioterapeuta, Mestre em Psicologia na Universidade de Fortaleza – UNIFOR. E-mail: karoline_fisio@hotmail.com

³ Graduanda em Psicologia (UNIFOR), bolsista PAVIC. E-mail: amandanassis@edu.unifor.br

⁴ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: pocahy@uol.com.br

Keywords: aging; gender; sexuality; homosexuality; gay; systematic review.

Introdução

Devido à complexidade e diversidade dos termos e classificações que circundam os estudos de gênero e sexualidade, objetivou-se neste estudo apresentar e discutir as principais formas de articulação conceitual e classificatória encontradas na produção científica acerca do envelhecimento, sexualidade e da categoria analítica gênero. Deste modo, discutiu-se a partir das mudanças de paradigmas sociais a relação entre gênero, sexualidade e velhice publicados em artigos científicos na base de dados Scielo entre 2001 e 2013.

A Construção de Novos Paradigmas

Na era do desenvolvimento rápido de tecnologias e metodologias científicas para a manutenção da educação, saúde e política no Brasil, se percebe a necessidade de uma maior problematização acerca de como se dá o envolvimento dos indivíduos na expressão e experimentação da sexualidade. Para tanto, compreende-se que na atualidade um conjunto de discursos acerca dos modos de pensar, de se comportar e de ser, se materializam e se reproduzem historicamente em modos diferentes de expressões de subjetividade.

Em decorrência dos anos vividos na Idade Média e na falta de inspiração para a arte, a modernidade surge no início do século XVI como uma “invenção do Ocidente” (Costa, 2002). Invenção esta que ditará os modos de viver do homem na modernidade a partir da supervalorização da evidência descrita nas normas sociais.

A modernidade emerge historicamente concebendo a valorização da beleza, da juventude e a busca pelo futuro aperfeiçoado, que resistirá o passado e as tradições. Percebe-se na história, uma mudança de paradigmas sociais em que o passado, o habitual e o velho passaram a ser radicalmente recusados e o futuro, a inovação e a notícia passaram a ser demarcações de valores sociais em que a geração de estereótipos negativos em relação ao envelhecimento se instala com maior frequência (Couto & Koller, 2012; Debert, 2012). Assim, diante destas mudanças de paradigmas e princípios na modernidade, temos um mundo novo, iluminado e um indivíduo que se inscreve na valorização de corpos novos, “corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exibia sua beleza e plenitude à luz do sol” (Goldenberg, 2009, p.47). Nesta realidade, o corpo individualizado da mulher e do homem se destaca a partir de suas performances e atitudes joviais, sendo na modernidade que a valorização da novidade se hospeda e a desvalorização do velho se propaga (Palmore, 2001). O corpo também passará a ser percebido de forma diferente e neste cenário social está sempre associado ao desprestígio e muito mais inferiorizado será, se este corpo transgredir também as normas sociais da feminilidade e masculinidade (Ceará & Dalgallarrondo, 2010).

É a partir da modernidade que novas normas se alojam nos costumes sociais, na filosofia, política e na busca da manutenção da vida em que tecnologias, tratamentos e terapias são arquitetados para a busca da longevidade em que “a vivência do processo de envelhecimento pode ser comprometida pela manutenção de estereótipos negativos, de preconceito e de discriminação” (Couto, Koller, & Soares, 2009, p.511). Todavia, o trânsito entre valorização e desvalorização do novo, do velho e da história, repercutirão aspectos sociais e econômicos que determinarão automaticamente no surgimento de novas verdades, identificações e culturas, pois “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (Silva, 2013, p. 11). Por consequência, modifica-se o contexto e por ele somos influenciados. Assim, diante da imposição de moralidades, ideologias e normas (também estéticas) no corpo, surgem descontentamentos coletivos que entram em conflito com as verdades estabelecidas pelas normas da política, moralidade e do corpo jovem heterossexual (Meyer, 2012). Mas a partir das certezas produzidas pelo modernismo e práticas do cotidiano, se percebe uma nova crise cultural, social e de paradigmas, identificada desta vez como a era da pós-modernidade (Neto, 2005).

Neste novo cenário provoca-se a negação da modernidade, ou seja, está sendo reescrita uma nova história, agora totalmente recomposta e reinventada (Santos, 1989). Uma perspectiva desencantada com o que é padrão, portanto, pós moderna, que se constitui de suspeitas e de novos questionamentos, em que o tempo e os sujeitos se modificam em contato e criação de novos valores, princípios e “os sistemas explicativos, as verdades estabelecidas, as metanarrativas, colocam-se sob completa suspeição” (Costa, 2002, p.149). Neste momento, percebe-se a construção de uma perspectiva que não privilegiará o determinismo normalizador da novidade em detrimento do que é ultrapassado, seja em objetos, comportamentos, classes e/ou sexualidades.

Configura-se na pós-modernidade um olhar não somente focado em específicos valores sociais, mas uma visão desfocada do centro dos sistemas sociais como por exemplo novas percepções e discussões que envolvem as famílias, o lugar do homem e da mulher na sociedade, da produção e reprodução, etc. O centro de interesse se diferencia e se torna multiplicidade, ou melhor, o foco passa a ser as margens. Valoriza-se o reconhecimento da multiplicidade de contextos interdependentes, vividos por sujeitos diferentes, diversificados, minorias, muitas vezes considerados abomináveis e desprezíveis pela maioria. Estes sujeitos são considerados seres abjetos na sociedade, como, por exemplo, os velhos, os homossexuais, lésbicas e travestis (Butler, 2008).

Indivíduos e Contextos Generificados

O gênero é um conceito complexo e estranho até nos feminismos (Nicholson, 2000). Embora seja um conceito muito discutido, seus significados são deslizantes e não se exatificam em regimentos pragmáticos; a história do gênero é marcada por continuidades de fragmentos teóricos que se referem a um conceito pulsante nas teorias feministas.

No final da década de 1960 feministas perceberam no uso coloquial do termo “sexo” o desenvolvimento de um poder que disseminava os processos identitários dos sujeitos e que justificavam as raízes conceituais do sexismo. Indiretamente, se ampliaram os discursos que prescreviam os sentidos biológicos como requisito para as diferenciações sexuais (Butler, 2008). Contudo, esta posição constituía o poder da determinação biológica em detrimento da personificação das diferenças na sexualidade.

Neste período o “sexo” regulava e definia as diferenças entre homens e mulheres enquadradas em associações biológicas demarcadas pela identidade. No entanto, as feministas da época tentaram enfraquecer o poder conceitual do “sexo” através da apropriação dos estudos de “gênero”, mesmo este na época sendo uma codificação dos símbolos do feminino e masculino. Deste modo, “o sexo” regeria as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas o “gênero” já começava a possibilitar as distinções e identidades independentes do “sexo”, promovendo uma maior abertura teórica para a inclusão de novas categorias analíticas (Scott, 1995).

O termo gênero possui origem em duas ideias do pensamento ocidental moderno: “a base material da identidade e da construção social do caráter humano” (Nicholson, 2000, p.9). Isto é, no rastro desta autora, é possível compreender porque é perigoso aos feminismos o apego ao determinismo biológico e ao fundacionismo biológico, pois o corpo ou indivíduo não são passivos perante a realidade em que se está inserido, nem indiferentes às subjetividades engendradas. As experimentações da sexualidade não descansam tranquilas na cama das identidades fixas, “o que acontece é que diferenças no sentido e na importância atribuídas ao corpo de fato existem. Esses tipos de diferenças, por sua vez, afetam o sentido da distinção masculino/feminino” (Nicholson, 2000, p.14). Ou seja, todas as relações entre corpos, sexualidades, idades e culturas se afetam e transitam entre processos complexos de significações coletivas e individuais, interpeladas por marcadores sociais e culturais que posicionam os sujeitos e seus desejos em lugares sempre em movimento. Entre estes marcadores, destacamos aqui a interpelação geracional como um elemento que dramatiza de forma particular a relação corpo-gênero-sexualidade.

Embora o fundacionalismo biológico possibilitasse as interações das construções sociais, ao se pensar em identidades de gênero e se diferenciar do determinismo biológico – que visualiza o sexo como demarcação estrita da sexualidade, mesmo assim, parece-nos bastante incerto limitar o gênero a um amontoado de peças íntimas em cima de um cabide – o corpo. De outro modo, os termos normativos que intentam fixar o corpo ao gênero e conduzir as experimentações da sexualidade a partir de um referente privilegiado (a heterossexualidade) é restrito aos usos do corpo que demandam os contextos socioculturais.

Contudo, novos corpos, desestigmatizados, novas peças íntimas, novos modos de ser, estar e devir diferentes, não somente delimitados dualmente entre homens ou mulheres, mas a sexualidade em diversas possibilidades e trânsitos, sejam gays, lésbicas, travestis, transexuais, jovens, velhos, etc., vivendo também a contestação dessas interpelações, tornam possíveis as posições como experiências em trânsito. Uma identidade aqui não é entendida como um fim, rígido, mas como um ambiente sem lugar, fixo como processo, como devir.

A partir da década de 80 o gênero passa quase que automaticamente a substituir os estudos das mulheres, passa a ser sinônimo das mulheres, outrora tão defendidas pelas feministas. Significou uma redenção social em busca de acessos ao universo acadêmico, passou a ser entendido como tudo que se relacionava às relações sociais entre os sexos e construções culturais. Na verdade, o gênero se tornou um contexto extremamente útil, pois possibilitou a percepção de novos discursos que diferenciavam o corpo e a sexualidade, entendido sob diversos aspectos e até mesmo “como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Scott, 1995, p.75). Mas o conceito gênero estava vinculado e delimitado pelas feministas a formatar um novo terreno, como um domínio na história, mas sem poder analítico para confrontar os “paradigmas históricos”. Deste modo, emerge a difícil tarefa de incluir no gênero fundamentação teórica forte o bastante, para que se pudesse realmente problematizar os paradigmas culturais e diversos/as estudiosos/as tentaram fortalecer os estudos de gênero, o que fez com que se criassem os assuntos ou abordagens das relações entre os sexos.

Pensar em identidade sexual rígida como algo natural e presente nos corpos e nas culturas é, portanto, uma afirmativa substancialmente perigosa. Compreendemos que as diferenças sexuais não se expressam somente na preocupação do que é comportamento masculino e feminino, mas é perpassada também por diferenciações de uma idade, também compreendida enquanto uma categoria histórica e contingente, assim como o são o gênero e a sexualidade, isto é, um dispositivo que opera na ficção do sujeito “normal” (Pocahy, 2011).

Neste sentido, este trabalho surge da necessidade de descrever o estado da arte acerca das temáticas gênero, sexualidade e envelhecimento em suas intersecções na base de dados Scielo, visando identificar como esses temas vêm sendo abordados (principais contribuições, lacunas etc.).

Método

- Tipo do estudo

Esta pesquisa é um estudo de abordagem quanti-qualitativa produzida a partir de uma revisão sistemática da literatura (Flick, 2009; Sampaio & Mancini, 2007). Trata-se de um estudo exploratório de que delimita um recorte temporal entre os anos 2001 a 2013. A revisão sistemática permite uma visualização holística em relação a estudos sobre um determinado tema, uma vez que permite identificar, selecionar e avalia-los criticamente. Além disso, tal abordagem possibilita o encontro de um maior quantitativo de publicações que possam ser incluídas no estudo de revisão para uma análise crítica e reflexiva do material selecionado (Koller et al., 2014).

O objetivo da abordagem utilizada não se associa a um reducionismo determinista e não se preocupa somente com a categorização superficial da informação coletada, haja vista que cada dado possui significados e, portanto, a partir desta ótica, se prioriza a informação revelada, percebida, também em relação com o papel do/a pesquisador/a, reconhecendo que a apuração e análise do dado pesquisado são impreterivelmente influenciadas e dependentes de sua configuração pessoal, coletiva e temporal (Creswell,

2010; Meyer, 2012). Portanto, a prática do saber sempre será um poder relacional, político, ético e interessado (Foucault, 2005).

- Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

Estabeleceu-se um processo de busca de artigos a partir da combinação dos descritores gênero, sexualidade, gay, lésbica, travestis, transexualidade *and* envelhecimento e velhice. A partir da leitura dos resumos, foram incluídos aqueles estudos que preenchiam os seguintes critérios: a) temática pertinente ao objetivo da revisão; b) objetivos, métodos e resultados claramente definidos no resumo de cada texto; c) publicados no período de 2011-2013; e d) publicados nos idiomas português, espanhol e inglês. Foram excluídos trabalhos com as seguintes características: a) artigos duplicados; b) artigos que não abordassem a temática da pesquisa.

- Resultados e Discussão

A primeira busca dos artigos gerou um resultado de 152 artigos. No entanto, 29 artigos foram excluídos por serem repetidos e outros 84 por não se referirem diretamente à temática da revisão sistemática (gênero, sexualidade e envelhecimento). Restaram, assim, 39 artigos que compuseram o *corpus* de análise do presente artigo. A *Figura 1* sintetiza o processo de busca, mostrando o número de artigos encontrados para cada combinação de descritores, bem como o número de artigos excluídos em cada etapa da revisão sistemática.

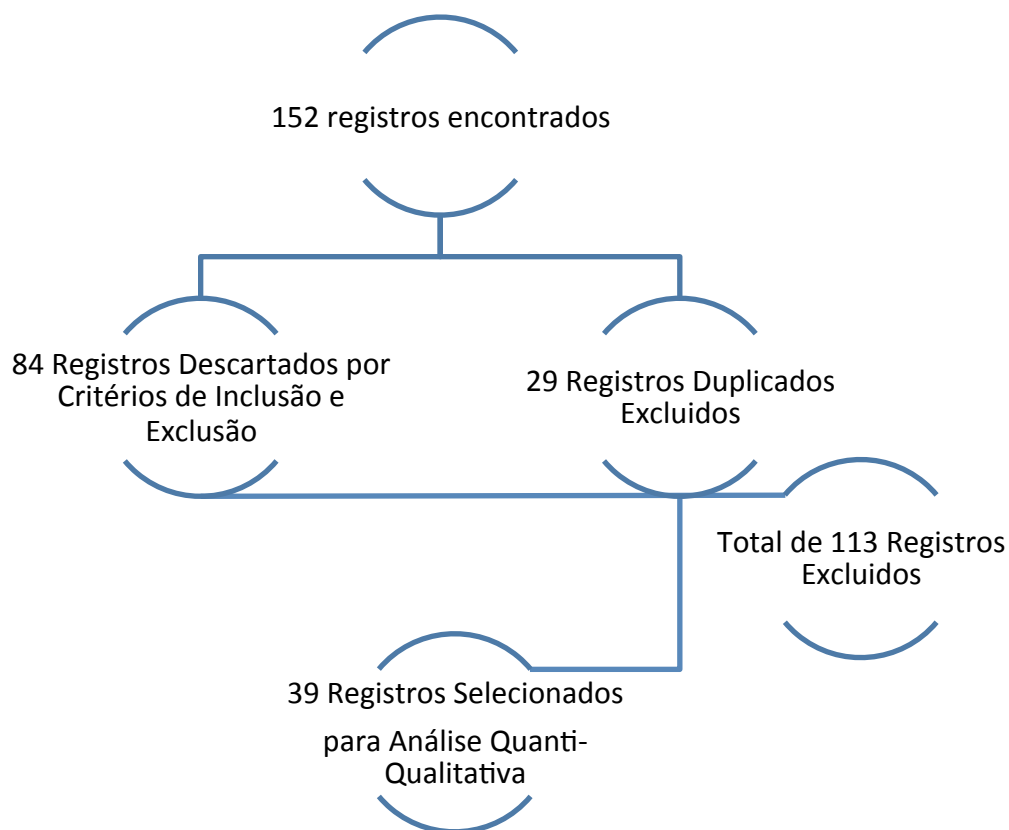


Figura 1. Percurso Metodológico para Seleção dos Artigos Scielo (2001-2013)

Nas publicações encontradas na base de dados Scielo, foi localizada a maior concentração da temática LGBTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros em relação ao envelhecimento na área da Saúde, seguida das Ciências Sociais e dentre estas áreas os maiores campos científicos de produção são Enfermagem, Psicologia e Saúde Coletiva. O que nos faz considerar a legitimação da área por interesse a afinidade com os contextos sociais da atualidade. Os descritores com mais achados foram: a) Gênero and Envelhecimento n = 87, b) Gênero and Velhice n = 30, c) Sexualidade and envelhecimento n = 21, e d) Sexualidade and Velhice n = 6.

Descritores Português/Inglês/Espanhol	Artigos Encontrados
Gênero and Envelhecimento Gender and Aging / Género y Envejecimiento	87
Gênero and Velhice Gender and Old age / Género y Vejez	30
Sexualidade and Envelhecimento Sexuality and Aging / Sexualidad y Envejecimiento	21
Sexualidade and Velhice Sexuality and Old Age / Sexualidad y Vejez	6
Homossexualidade and Velhice Homosexuality and Old Age / Homosexualidad y Vejez	3
Homossexualidade and Envelhecimento Homosexuality and Aging / Homosexualidad y Envejecimiento	2
Lésbicas and Velhice Lesbians Gay and Old Age / Lesbianas y Vejez	1
Lésbicas and Envelhecimento Lesbians Gay and Aging / Lesbianas y Envejecimiento	1
Gay and Envelhecimento Gay and Aging / Gay y Envejecimiento	1
Travestis and Velhice Transvesty and Old Age / Travestis y Vejez	0
Travestis and Envelhecimento Transvesty and Aging / Travestis y Envejecimiento	0
Transexualidade and Velhice Transsexuality and Old Age / Transexualidad y Vejez	0
Transexualidade and Envelhecimento Transsexuality and Aging / Transexualidad y Envejecimiento	0
LGBT and Velhice LGBT and Old Age / LGBT y Vejez	0
LGBT and Envelhecimento LGBT and Aging / LGBT y Envejecimiento	0
Gay and Velhice Gay and Old Age / Gay y Vejez	0
Total de Artigos Encontrados	152
Descartados/Excluídos Duplicados ou Fora da Temática	113
Amostra Final	39

Tabela 1. Frequência de Descritores (Português / Inglês / Espanhol)

É perceptível a ausência de publicações sobre gay, travestis, transexualidade, LGBT and velhice/envelhecimento. Outro dado relevante, é o resultado do estudo que evidenciou que a abordagem dos temas gênero, sexualidade e envelhecimento assumem maior relevância a partir de 2001, com maior enfoque somente nos últimos 4 anos, consistindo em 66,6% (n = 26) dos artigos científicos escritos em periódicos do ano de 2010 até 2013. Destes 39 artigos, somente 2 artigos são internacionais, escritos em inglês sendo: Paskulin *et al.* (2011); Plouffe (2003).

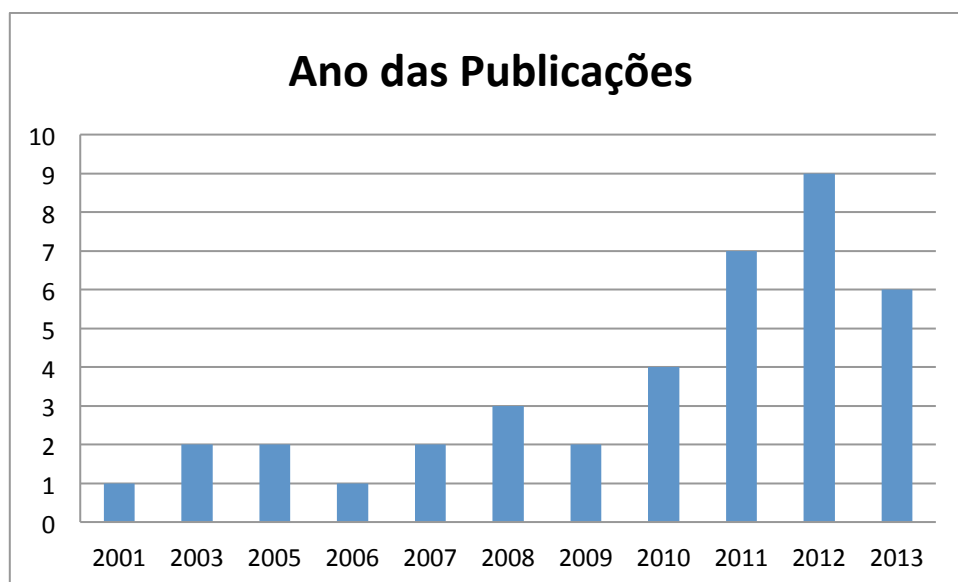


Figura 2. Ano das Publicações

A busca na Scielo foi intencional por ser uma biblioteca digital de fácil acesso aos estudantes da graduação e de distintas áreas. No entanto, de acordo com os dados coletados, é preciso perceber que em uma das maiores bibliotecas digitais do Brasil, a produção acerca da sexualidade e velhice ainda é escassa.

Foram identificadas 68 palavras-chave entre os resumos e destas as mais citadas foram: Envelhecimento (17), Gênero (13), Sexualidade (11), Velhice e Corpo (6) e DST (4).

Dentre os 39 artigos analisados disponíveis na base Scielo, encontramos 1 artigo (2,6%) fundamento na perspectiva quanti-quali, 11 estudos (28,2%) baseados na abordagem quantitativa, e 27 artigos (69,2%) qualitativos que utilizavam métodos descritivos, etnográficos e a cartografia com elevada utilização de observações participantes e entrevistas. A grande maioria dos textos abordavam quatro temáticas que discriminaram as categorias analisadas neste estudo: 1 – Saúde da Pessoa Idosa - Cuidados DST/AIDS; 2 – Efeitos do Gênero no Envelhecimento; 3 – Representação da Velhice; e, 4 – Sexualidade na Velhice.

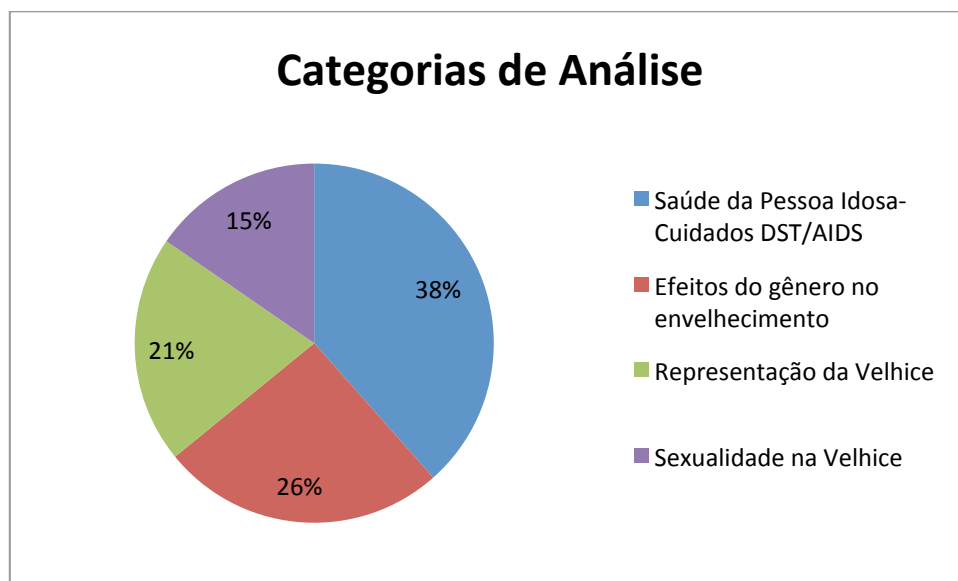


Figura 3. Distribuição das Categorias de Análise

A partir destas constatações, foram reveladas diversificadas possibilidades de aplicabilidade dos procedimentos metodológicos. Ou seja, pensar a concretização da ciência e da pesquisa, indiretamente envolve as perspectivas culturais em atos políticos e epistemologias entranhadas em contextos-dependentes (Meyer, 2012). É preciso ampliar os números de estudos que discutem gênero e sexualidade na velhice, mas também se faz necessário o reconhecimento do pensamento crítico que aos poucos se ergue frente às demandas das inclusões sociais. Ao envelhecimento, portanto, faz-se necessário maiores discussões que interseccionam o gênero e a sexualidade.

Saúde da Pessoa Idosa - Cuidados DST/AIDS

Foi somente nos últimos anos que os estudos relacionados ao envelhecimento no Brasil foram reconhecidos (Goldenberg, 2009), e vinculados à sexualidade e prevenção de DST/AIDS, presenciamos ainda um escasso panorama nacional (Alves, 2010).

Foi somente a partir da década de 60 que as ciências sociais e humanas conseguiram em parceria com a gerontologia social interferir na realidade de pessoas na velhice (Debert, 2012). A partir desta década se constatou que a qualidade de vida vivenciada por brasileiros/as, iria resultar em um maior prolongamento da vida e por consequência, seria emergente o surgimento das demandas da população idosa frente aos sistemas de saúde.

Foi a partir dos anos 70 que o número de estudos sobre a velhice aumentou no Brasil. Até esta data, os estudos acerca do envelhecimento pontuavam de forma generalizada os problemas enfrentados pelos idosos e praticamente nenhum descrevia a sexualidade como fenômeno intrínseco ao processo de envelhecimento (Alves, 2010). Foi pela organização de parcerias entre a gerontologia e as ciências humanas e de saúde que as experiências vividas na velhice começaram a ser percebidas, permitindo revisitações conceituais e o surgimento de discursos que discutem a saúde do idoso e a sexualidade (Peixoto, 2007).

No Brasil, o número de casos de HIV/AIDS em idosos tem aumentado principalmente devido o tabu existente em torno da sexualidade na velhice (Araújo, et al., 2007). Este fenômeno se dá, inclusive, devido ao modo como o sistema de saúde não relaciona a sexualidade à vida dos idosos. Com isto, a vulnerabilidade da população idosa frente aos riscos das DSTs/AIDS se mostra fortemente presente na atualidade (Laroque, 2011; Oliveira, 2013). Fenômeno este, que precisa ser percebido e discutido em formas de estruturação de políticas públicas para a manutenção da saúde da pessoa idosa.

Efeitos do Gênero no Envelhecimento

De acordo com os dados coletados, não há ainda disponível na base de dados SciELO no período de 2001-2013 nenhuma publicação que relacione os descritores específicos LGBT, gays, travestis e transexuais com relação à temática do envelhecimento. Neste sentido, percebe-se o quanto este fenômeno afeta diretamente a estruturação de questionamentos acerca do processo de publicação e discussão das intersecções entre gênero, sexualidade e envelhecimento.

Bem sabemos que existem pesquisadores, campos de publicação e fomentação para pesquisas. É reconhecido que estudos estão sendo realizados acerca das temáticas de gênero e geração, mas como os/as pesquisadores/as acessam a rede de estudos científicos e quais espaços se abrem para os autores das problematizações dos estudos de gênero? Os dados nos mostram (*Figura 2*) que nos últimos anos, mais que triplicou o crescimento dos estudos envolvidos com a temática, porém os estudos se direcionam para a discussão de gênero como ponto de partida para a percepção do corpo e sexualidade como categoria social, mudanças comportamentais e/ou epidemiologias. Deste modo, considera-se necessário a percepção do quanto à relação entre saúde, corpo, e sexualidade são influenciados pelas questões de gênero, pertinentes aos modos de envelhecimento (Debert, 2012).

Representação da Velhice

Atualmente, a expectativa de vida de um brasileiro é de 72,7 anos (IBGE, 2013), ou seja, vive-se mais e outras experiências se apresentam, novas necessidades se instalam na continuidade da vida. Ser velho ou idoso no Brasil representa posições culturais e sociais completamente diferentes. Ser velho estava diretamente relacionado à classe social que o sujeito pertencia, o velho é o pobre, o sujeito excluído. Por outro lado, ser idoso, representava uma velhice privilegiada e demarcada pela vida financeira e não necessariamente pela idade cronológica (Debert, 2012). Neste sentido, o conceito “idoso” surge para conceder dignidade ao velho rico, uma vez que o conceito “velho” demarca o sujeito da velhice como um indivíduo menos desprestigiado e “esta designação dá outro significado ao indivíduo velho, transformando-o em sujeito respeitado” (Peixoto, 2007, p.74). Assim, pensar em indivíduos que vivenciam a velhice, muitas vezes, revela a desvalorização sofrida por esses sujeitos, que outrora

eram considerados os sábios, os gurus, os exemplos a serem seguidos e que atualmente se protegem do desprestígio. Neste estudo, nos apropriamos do conceito idoso por demarcações sociais, que consideram qualquer experimentação da velhice uma vivência digna.

Temos que, inúmeras famílias ainda hoje, são providas pelas aposentadorias dos idosos e ser idoso aposentado é estar dentro de uma categoria que homogeneiza ricos, pobres, viúvos e casados, isto é, o idoso passa a ser mais respeitado socialmente quando é possuidor de uma renda, mesmo a aposentadoria ainda sendo reconhecida socialmente, como um sintoma da finitude (Papalia, 2013; Goldenberg, 2009). A renda fixa da aposentadoria, representa o fechamento de um ciclo que envolve relações de pessoas, sentimentos de pertença, utilidade e relevância social. Como bem pensa Clarisse Peixoto (2007) “ao se apoiar na idade biológica ou no tempo de serviço, a aposentadoria libera do trabalho indivíduos ainda produtivos e lhes atribui o estatuto de inativos” (p.74). A idade cronológica neste sentido se afasta da realidade de inúmeros indivíduos que, em idade funcional, estariam ativos e em exercício de atividades que produzissem seu próprio bem estar (Papalia, 2013).

Não produzir financeiramente é mais um motivo que reforça no idoso o estigma de inutilidade e desocupação, estigmas que se estabelecem e possuem como pano de fundo a negligência social. Nestes casos, as referências da idade são apagadas da memória coletiva da família, por exemplo, a Maria que era professora, deixou de lecionar e não é mais lembrada por seu talento. Ou o João que não é mais o advogado do banco central e é atualmente conhecido por ser o avô do Marcos que joga futebol com os coleguinhas. Nestes casos, emergem automaticamente, desindividualidades e desidentidades na velhice, que mesmo diante da demarcação do tempo nos corpos não transportam mais suas memórias, desejos e muito menos sexualidades. O automatismo cultural por sua vez, não fundamenta a existência das perspectivas e ressignificações experimentadas pelos idosos com o passar do tempo.

Sexualidade na Velhice

O avanço no crescimento da população idosa faz parte da realidade de diversos países e isto não seria diferente com o Brasil, a sétima economia mundial (IPRI, 2014). Fatores relacionados aos avanços tecnológicos, na medicina e nas indústrias farmacêuticas contribuem com os novos modos de vivenciar a velhice no que tange principalmente, aos comportamentos sexuais dos idosos. Entretanto, a vida sexualmente ativa dos idosos é ainda, perpassada por estigmas sociais e culturais, de modo que a possibilidade do idoso adquirir uma doença sexualmente transmissível parece estar omissa aos olhos de todos, incluindo os profissionais de saúde.

Pesquisa desenvolvida por Ceará & Dalgalarro (2010) buscou sistematizar relações entre identidade sexual, saúde mental e qualidade de vida em idosos homossexuais. O grupo pesquisado revelou um maior índice de transtornos mentais em relação ao grupo controle (idosos heterossexuais), bem como também, os participantes homossexuais presenciaram com mais frequência às situações de discriminação e

preconceito. Neste sentido, o percebe-se que o idoso gay ou a idosa lésbica passa por contextos sociais de risco e desproteção que potencializam a instalação de estigmatização e mal estar subjetivos “como expressão de uma crise de identidade perante a orientação sexual, estendendo-se ao longo da vida até fases adultas mais avançadas e velhice, o que pode proporcionar altos níveis de estresse psicológico” (p. 122).

Experimentações da sexualidade, pertencimentos e identificações com a comunidade LGBTTTQ (lésbicas, gays, transexuais, travestis, transgêneros e *queer*) relacionados ao envelhecimento, assim como qualquer materialização ou expressão da sexualidade, refere-se, especificamente, a estigmas criados a partir de dispositivos da sexualidade inscritos na prática do cotidiano (Foucault, 2005). A vivência da sexualidade na velhice ainda é considerada uma complexa realidade. De início, os sujeitos que possuem e vivem a sexualidade explicitamente e frequentemente, ainda são considerados seres profanos. Se este sujeito for idoso, potencializa o nível da discriminação pelo simples fato de que, culturalmente, a velhice está atrelada à pureza, à deserotização, a impotência e à assexualidade. Percebe-se, assim, que os dogmas e as normas sociais instituem a elaboração de sujeitos envelhecidos excluídos da sexualidade e inferiorizam ainda mais a pessoa idosa, ou seja, ela passa a ser sujeito abjeto, desprezível a partir da normatividade sexual (Butler, 2008).

No entanto, há décadas a ciência já vem discutindo a dificuldade de abordar a sexualidade a partir de uma perspectiva binária e pré-fixada, por reconhecer que este processo engloba uma desconstrução de paradigmas amparados pela normatividade e ajustada em limitações da idade ou orientação sexual (Cerqueira-Santos, Winter, Salles, Longo, & Teodoro, 2007; Cerqueira-Santos, Calvetti, Rocha, Moura, Barbosa, & Hermel, 2010). Presencia-se de modo global, reivindicações, buscas por direitos relacionados à sexualidade e uma maior preocupação com o prolongamento da vida, portanto, faz-se necessária uma maior discussão entre estas categorias analíticas.

Considerações finais

Este estudo objetivou realizar uma revisão sistemática da literatura acerca das temáticas de gênero, sexualidade e envelhecimento. A revisão considerou os artigos publicados na base de dados Scielo no período de 2001-2013, através da combinação dos descritores gênero; sexualidade; gay; lésbica; travestis; transexualidade; *and* envelhecimento; velhice; e publicados nos idiomas Português, Espanhol e Inglês. A partir da análise dos artigos foi possível encontrar quatro categorias analíticas, sendo: saúde da pessoa idosa – cuidados DST/AIDS; efeitos do gênero no envelhecimento; representação da velhice; e sexualidade na velhice.

Como resultado dos dados, verificou-se nesta revisão sistemática uma lacuna no que se refere à combinação dos descritores como lésbicas, gays, LGBT, transexualidade e travestis em relação à velhice e envelhecimento. Esta timidez na produção acadêmica, por sua vez, pode ser melhor compreendida ao ponderarmos a ausência de interesses e publicações sob os temas gênero, sexualidade na relação com a velhice, o insuficiente

investimento para a realização de pesquisas, ou o complexo acesso aos meios de publicação.

A triangulação da temática gênero, sexualidade e velhice é densa. Porém, necessária, haja vista em que, as novas configurações que acompanham o aumento da expectativa de vida da população brasileira, carregam em si tensões e transformações sociais que realocam os sujeitos interpelados pelas marcas de gênero, sexualidade e geração a outras posições ainda pré-determinados socialmente (Couto *et al.*, 2009).

Esta pesquisa nos possibilitou novas problematizações, mas pode-se perceber a fragilidade frente ao número de produções encontradas, fenômeno que influenciou a realização da análise e discussão dos dados. Denota-se a importância da realização de estudos futuros que poderão proporcionar novos dados, solidificando a necessária discussão acerca da relação existente entre gênero, sexualidade e velhice.

Sugere-se que os dados desta pesquisa contribuam para a formulação de novas estratégias na implementação de políticas públicas que influencia a realidade de sujeitos vivendo a experiência política e cultural do envelhecimento, considerando-se as interseccionalidades com gênero e sexualidade, entre outros marcadores sociais de identidade e diferença. Isto é, o incremento da qualidade de vida, o avanço das tecnologias, a orientação sexual e as transformações políticas e culturais acionadas na contemporaneidade se apresentam como novas possibilidades de pensar processos socioculturais com o envelhecimento.

Referências

- Alves, A. M. (2010). Envelhecimento, Trajetórias e Homossexualidade Feminina. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 213-233.
- Araújo, V. L. B., Brito, D. M. S., Gimenez, M. T., Queiroz, T. A., & Tavares, C. M. (2007). Características da Aids na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 10(4), 544-554.
- Butler, J. (2008). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*; (Tradução de Renato Aguiar). (2ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ceará, A. T. & Dalgarrondo, P. (2010). Transtornos Mentais, Qualidade de Vida e Identidade em Homossexuais na Maturidade e Velhice. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(3), 118-23.
- Cerqueira-Santos, E., Winter, F.S., Salles, L. A., Longo, J. L., & Teodoro, M. (2007). Contato interpessoal e crenças sobre homossexualidade: Desenvolvimento de uma escala. *Interação em Psicologia*, 11(2), 221-229.
- Cerqueira-Santos, E., Calvetti, P. U., Rocha, K. B., Moura, A., Barbosa, L. H., & Hermel, J. (2010). Percepção de Usuários Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis do Sistema Único de Saúde. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(2), 235-245.

- Costa, M. V. (2002). Uma Agenda para Jovens Pesquisadores. In: M. Costa (Org.), *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação* (pp. Xx-yy). Porto Alegre: DP&A.
- Couto, M. C. P. de P., Koller, S. H., Novo, R., & Soares, P. S. (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(4), 509-518.
- Couto, M. C. P., & Koller, S. H. (2012). Warmth and competence: Stereotypes of the elderly among young adults and older persons in Brazil. *International Perspective in Psychology: Research Practice, Consultation*, 1(1), 52-62.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto* (3ª edição). Porto Alegre: Boockman/Artmed.
- Debert, G. G. (2012). Diversidade Cultural e Mudança Social. In: G. G. Debert (Org.), *A Reinvenção da Velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento* (pp. 71-96). São Paulo: Ed. USP -FAPESP.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Boockman/Artmed.
- Foucault, M. (2005). *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Goldenberg, M. (2009). Como estarão a sexualidade e o corpo no futuro? In: M. Goldemberg, *Coroas* (pp. 45-57). Record.
- IBGE. (2013). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censos e PNAD. <http://www.ibge.gov.br/home/>.
- IPRI. (2014). Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. <http://www.funag.gov.br/ipri/index.php/equipe/47-informacoes/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>, acessado em 25/06/15.
- Laroque, M. F., Affeldt, Â. B., Cardoso, D. H., Souza, G. L. de, Santana, M. G., & Lange, C. (2011). Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(4), 774-780.
- Neto, A. V. (2005). *Memória, Tempos, Cotidiano*. Em UFF (Org.) Congresso Internacional Cotidiano Diálogos Sobre Diálogos. Niterói.
- Nicholson, L. (2000). Interpretando o Gênero. *Revista de Estudos Feministas*, 8(2), 8-41.
- Meyer, D. E., & Paraíso, M. A. (2012). Abordagens Pós-Estruturalistas de Pesquisa na Interface Educação, Saúde e Gênero: perspectiva metodológica. In: D. E. Meyer, M. A. Paraíso (Orgs.), *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação* (pp. 47-61). Belo Horizonte: Edições Mazza.
- Palmore, E. B. (2001). The Ageism Survey: First findings. *The Gerontologist*, 41, 572-575.
- Paskulin, L. M. G., Aires, M., Gonçalves, A. V., Kottwitz, C. C. B., Morais, E. P., & Brondani, M. A. (2011). Aging, diversity, and health: the Brazilian and the Canadian context. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(6), 851-856.
- Papalia, D. E., & Sally W. O. (2013). *Desenvolvimento Humano* (10ª. Edição). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Peixoto, C. E. (2007). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: M. M. L. Barros (Org.), *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (pp. 69-84). Fundação Getúlio Vargas.
- Pocahy, F. A. (2011). A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. *Revista Polis e Psique*, 1, 254-275.
- Plouffe, L. A. (2003). Addressing social and gender inequalities in health among seniors in Canada. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), 855-860.
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11(1), 83-89.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Silva, T. T. da., Hall, S., & Woodward, K. (2013). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes.

Submetido em fevereiro de 2015

Aceito em maio de 2015